

2 O Sentir

“[...] é preciso também chorar, e amar aquilo que nos faz chorar. Então ouve-se em nós uma voz que não é a da razão, menos forte ou sonora, mas mais pura e mais consoladora.”

ANTERO DE QUENTAL

Derivado do Latim *sentire*, este verbo significa, “perceber por meio de qualquer órgão dos sentidos, experimentar sensações, pressentir, conhecer por indícios, supor, ter consciência de, observar, experimentar mudança moral, ter sensibilidade física ou moral, reconhecer-se, imaginar-se, entender.” (FERREIRA, p.1288)

Das definições acima resumidas, tira-se o cerne do objeto desse trabalho: a personalidade emotiva e intrinsecamente emocional de Antero de Quental, um ser humano marcado por uma fina e funda sensibilidade.

Nele o sentir vai ser, para sempre, a mola mestra de tudo que lhe pareça inovador. Mesmo diante das novas idéias que, por esse tempo, assolam a Europa, vai estar sempre o Antero emotivo que, não conseguindo desvencilhar-se totalmente das influências mais marcantes de sua personalidade, se transformará no Antero angustiado, melancólico, inquisidor de si próprio, em busca constante do que espera ser o ponto conciliatório de toda a sua vida:

Num momento proclama seu ateísmo, mas por outro lado deplora o desaparecimento de Deus, sente sua falta. O espectro do divino fascina-o, confunde-o, deslumbra-o. Vive numa desesperante inquietação mental. O seu pensamento voa, no entanto, para o alto, para as regiões onde a alma vive distanciada da espacialidade. A metafísica, portanto, nunca o deixaria de apaixonar. (RAMOS, 1942, p.48)